

KENNAN E A POLÍTICA EXTERNA DOS EUA DURANTE A GUERRA FRIA

Por Sidnei J. Munhoz

Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM)

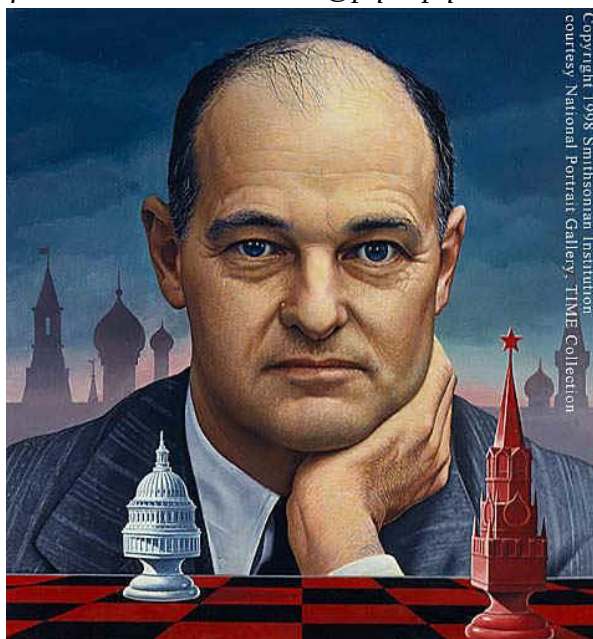
Professor do Programa de Pós-graduação em História (PPH-UEM)

Professor do Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC-UFRJ)

sidneimunhoz@pq.cnpq.br

sidneimunhoz@pq.cnpq.br

sidneimunhoz@pq.cnpq.br



Resumo: Neste artigo, analisaremos o papel desempenhado pelo diplomata George Frost Kennan na política externa dos EUA durante a Guerra Fria. Ao final da II Guerra Mundial, em meio às tensões que envolviam os EUA e a URSS, Kennan propôs uma estratégia objetivando conter uma possível ação expansionista da potência rival. Em sua análise, o principal perigo representado pela União Soviética não era militar, mas a sua capacidade de atração ideológica no interior das sociedades democráticas ocidentais. A partir desse pressuposto, Kennan elaborou a Doutrina da Contenção, eixo basilar da política externa dos EUA durante a Guerra Fria. Diplomata de carreira e profundo conhecedor da sociedade soviética, Kennan produziu ao longo da sua vida uma volumosa obra relacionada à diplomacia estadunidense e aos seus principais desafios no contexto da Guerra Fria. Não obstante, já no início do segundo governo Truman, Kennan se afastou do núcleo de poder governamental e manifestou uma série de críticas à política externa do seu país, que, para ele, estimulava à corrida armamentista. Assim, Kennan criticou a implementação da Doutrina Truman, a criação da Otan e o papel desempenhado pelos EUA na Guerra da Coreia e do Vietnã.

Palavras-chave: Kennan – Guerra Fria- Doutrina da Contenção

Abstract: In this article, we analyze the role played by George Frost Kennan diplomat in U.S. foreign policy during the Cold War. At the end of World War II, amid tensions involving the U.S. and the USSR, Kennan proposed a strategy aiming to contain a

possible action expansionist power rival. In their analysis, the main danger posed by the Soviet Union was not military, but its ideological attractiveness within the western democratic societies. From this assumption, Kennan elaborated the doctrine of containment, basilar axis of U.S. foreign policy during the Cold War. A career diplomat and expert on Soviet society, Kennan produced throughout his life a voluminous work related to American diplomacy and its main challenges in the context of the Cold War. Nevertheless, since the beginning of the second Truman, Kennan moved away from core government power and expressed a number of criticisms of the foreign policy of his country, which, for him, encouraged the arms race. Thus, Kennan criticized the implementation of the Truman Doctrine, the creation of NATO and the role played by the U.S. in the Korean War and Vietnam.

Keywords: Cold War, Kennan, Contention Doctrine.

George Frost Kennan foi o arquiteto do principal instrumento da política externa dos EUA no meio século que se sucedeu ao fim da II Guerra Mundial: a Doutrina da Contenção. De um lado, para se compreender o pensamento político de Kennan é necessário entender a sua visão sobre o mundo russo, a sua visão sobre os objetivos de longa duração do regime do Kremlin, as suas incertezas e receios. De outro, é imprescindível entender a sua perspectiva sobre o novo papel desempenhado pelos EUA em um mundo caótico, resultado da destruição ocasionada pela II Guerra Mundial. Kennan possuía uma visão da civilização russa que em muito se distinguia da perspectiva de outros diplomatas estadunidenses. Ela era resultado de um encontro prévio com esse mundo, com as suas vicissitudes e dilemas.

Kennan provinha de uma família que havia um longo tempo possuía relações com o mundo russo. Seu tio, George Kennan (1845-1924), dividiu com o sobrinho, além do nome, outras características, dentre as quais merecem destaque os interesses e os vínculos com a Rússia. Seu tio, além de viajante, foi escritor e russófilo. No início da sua carreira, era simpatizante do regime czarista dos Romanov, quando chegou inclusive a justificar e a defender os projetos expansionistas do império russo. Posteriormente, tornou-se crítico do czarismo e ativista pela democratização da Rússia. Dos contatos e das histórias contadas pelo tio, o sobrinho herdou um profundo interesse por tudo que se dizia respeito àquele estranho universo.

Kennan graduou-se em Princeton em 1925, mas a sua carreira diplomática somente teve início em 1927. Nesse período, o jovem diplomata ocupou diferentes funções em representações diplomáticas espalhadas pelo Leste da Europa. Assim, serviu

em Riga, Moscou, Praga, Berlim e Belgrado. Aquele era um período de incertezas e instabilidade política que, certamente, lançou desafios descomunais aos jovens diplomatas como Kennan. Se, de um lado, esse cenário incerto e complexo representava, muitas vezes, barreiras quase que intransponíveis, de outro, podia representar oportunidades inusitadas. Essas ocasiões não tardaram a aparecer para o jovem Kennan. Ele esteve a serviço da diplomacia dos EUA em alguns dos lugares-chave, em momentos cruciais que, de uma forma ou de outra, reconfiguraram o cenário político do século XX. Assim, ele pode observar a emergência da farsa dos processos de Moscou; assistiu, em 1939, à entrada triunfal das tropas alemãs em Praga que, após fazerem letra morta do Pacto de Munique, anexaram o que restava do país. Em 1941, Kennan encontrava-se em Berlim quando a Alemanha declarou Guerra aos EUA. Ao fim da II Guerra Mundial, encontrava-se mais uma vez em Moscou, quando se intensificaram as divergências entre os EUA e a União Soviética, o que culminou na retomada de antigas rivalidades e na emergência de um novo tipo de conflito entre as duas novas potências globais emergentes (KENNAN, 1967, 1973, 1996).

Assim como a aliança contra o Eixo havia promovido a união de forças antagônicas, como o capitalismo estadunidense e britânico, de um lado, e o assim chamado socialismo stalinista soviético, de outro, ao final da guerra, o confronto entre as duas maiores potências econômicas e militares do momento ameaçou o mundo com a possibilidade uma nova guerra mundial (HOBBSAWM,1993). De fato, havia projetos bastante distintos para a reconstrução da Europa e a redefinição de uma nova ordem mundial. De um lado, os EUA emergiram como a maior potência vitoriosa, com o seu parque industrial intacto responsável pela produção de aproximadamente dois terços dos produtos industrializados do mundo. Em adição, o país havia se tornado o maior credor mundial. Além disso, os EUA eram os únicos detentores da tecnologia nuclear. Assim, era natural que desejassem configurar o mundo que emergia dos escombros da guerra segundo os seus interesses. De outro, lado a URSS, embora bastante combalida pela destruição sofrida durante a guerra, emergia como a segunda grande potência. Nesse cenário, a União Soviética se sentia ameaçada pelo que entendia ser um projeto de hegemonia global arquitetado pelos EUA, com vistas a retirar-lhe a área de influência duramente conquistada pela força das armas e negociada durante as conferências de Yalta e Potsdam, ao fim do conflito mundial (LaFEBER, 1997).

Da II Guerra Mundial à Guerra Fria

Ao final da II Guerra Mundial, a diplomacia estadunidense empregava a exuberância da sua economia e a sua incontestável supremacia bélica para abrir os mercados externos ao país. Apesar de os EUA nunca constituírem um império formal, como o inglês ou o francês, demandas econômicas domésticas e embates ideológicos levaram o país a adotar uma política externa agressiva, o que regra geral implicava a intervenção nos negócios internos de outras nações, com o intuito de controlar as fontes de matérias-primas, de energia e mercados consumidores, sendo bastante verossímil reconhecermos nesse processo a constituição de um império informal.

Muitos autores apontam a última década do século XIX como o momento da gênese de uma política imperial dos EUA (WILLIAMS, 1988; LaFEBBER, 1994, 1997), no entanto, é verossímil acreditar que somente ao final da II Guerra Mundial a arquitetura dessa política se consolidou plenamente, quando o país assumiu a posição de potência global hegemônica. Assim, durante os dois governos de Harry Truman (1945-1953) foram arquitetadas políticas com o objetivo de controlar áreas anteriormente sob o domínio das forças do Eixo e, ao mesmo tempo, conter uma possível expansão soviética na Europa. Além disso, a crise dos impérios coloniais britânico e francês permitiu a expansão da presença dos EUA na África e na Ásia. Em contrapartida, nessas regiões, a eclosão de lutas pela independência nacional, de territórios até então sob o domínio colonial de potências européias, se aproximava das teses socialistas e buscava na União Soviética um possível apoio estratégico e militar. Em que pese a relutância da URSS em apoiar esses movimentos de forma direta, em decorrência de seus imediatos interesses de Estado, voltados a um acordo com os Estados Unidos, na maioria das vezes a política soviética para essa região era vista pelos seus rivais como expansionista.

Em decorrência do exposto, os conflitos que desencadearam a Guerra Fria estavam inseridos em uma complexa teia em que se entremeavam os interesses geopolíticos das duas potências que despontaram ao final da II Guerra Mundial como as maiores forças econômicas, políticas e militares do planeta. Nesse contexto, cada uma dessas potências buscou a criação e a consolidação das suas respectivas áreas de influência e, posteriormente, das suas alianças regionais e blocos. Esse foi um período

bastante confuso no teatro das relações internacionais. Em cada campo, os oponentes procuravam interpretar as ações e as presumíveis futuras ações do rival. No entanto, em meio ao caos e à desconfiança reinante, as atitudes tanto de um campo quanto do outro, muitas vezes defensivas, eram interpretadas pelo outro como parte de uma estratégia agressiva e belicista (YERGIN, 1990). Além disso, havia interesses antagônicos em jogo e, certamente, eles elevavam o nível dessas tensões. Como resultado dessa confusão reinante, o mundo, no imediato pós-II Guerra Mundial, foi marcado pela expansão de conflitos em todos os quadrantes do planeta, embora, como era de se esperar, houvesse uma grande variação no nível das tensões conforme os interesses em jogo nessa ou naquela região.

O papel desempenhado pelo Exército Vermelho na vitória das forças aliadas contra a Alemanha e na liberação dos territórios então ocupados pelas tropas do Eixo transferiu à URSS um colossal prestígio na opinião pública internacional, mesmo que de forma efêmera. O Exército Vermelho controlava a maior parte da Europa Central e Oriental. Em paralelo, como decorrência da destruição provocada pela guerra, a situação social na Europa Ocidental era caótica. Esse cenário povoava o imaginário das elites com o pavor de uma vaga revolucionária. Os comunistas haviam obtido consideráveis ganhos eleitorais na França e na Itália e, além do mais, as suas organizações enraizaram-se em outras áreas do continente. Ao mesmo tempo, havia profundas tensões políticas na Turquia e no Irã, guerras civis em curso na Grécia e na China e numerosas lutas anticoloniais na África e na Ásia. Como resultado, a influência soviética não se restringia às áreas sob o seu comando, pois a força política dos partidos comunistas havia se fortalecido e ramificado no interior das chamadas sociedades democráticas de tal forma que alcançava as mais diferentes regiões do planeta (MUNHOZ, 2004).

Kennan e a Doutrina da Contenção

Foi nesse contexto que o diplomata George Frost Kennan, especialista em assuntos soviéticos, propôs uma estratégia objetivando conter qualquer ação expansionista da URSS. Em fevereiro de 1946, Kennan enviou, de Moscou, uma mensagem que ficou conhecida como *Longo Telegrama*. O texto, com cerca de oito mil palavras, analisava a política soviética e delineava um plano de ação para o

relacionamento dos EUA com a União soviética. A essência do estratagema de Kennan se baseava no reconhecimento da existência de interesses antagônicos e irreconciliáveis entre as duas potências. No entanto, o diplomata estadunidense acreditava que os EUA deveriam desenvolver estratégias que evitassem o confronto direto com a potência rival e aproveitassem a superioridade do regime democrático capitalista frente ao estatismo-socialista soviético. Para ele, era fundamental que, naquele cenário caótico, os EUA demonstrassem ao mundo capacidade de liderança e direção para fazer frente às ameaças reinantes e conduzir as democracias à constituição de uma nova ordem mundial mais justa e estável.

Em 1947, o secretário da marinha, James V. Forrestal, enviou a Kennan um memorando sobre a política externa soviética. No entender de Kennan, no documento havia uma incompreensão dos objetivos estratégicos e da política externa soviética. Ao divergir da análise expressa no documento oficial, Kennan retomou e aprofundou as suas teses expressas no *Longo Telegrama*. Como resultado dessas reflexões, Kennan produziu um novo texto mais denso e detalhado que o anterior. Porém, o diplomata deparou com um dilema. Ele acreditava que a publicação daquele texto, com críticas explícitas ao regime soviético, poderia piorar ainda mais as relações entre os dois países, uma vez que ele ocupava um posto chave na diplomacia dos EUA. Consoante com essa perspectiva, optou por veicular suas reflexões de forma anônima, sob o pseudônimo de Mr. X, na mais importante revista de política externa dos EUA. Assim, *The Sources of Soviet Conduct* (KENNAN, 1999.) foi publicado na revista *Foreign Affairs*, em julho de 1947. Apesar do ardil adotado pelo diplomata, as suas idéias em parte já expressas no *Longo Telegrama* foram reconhecidas e logo a autoria do texto tornou-se pública.

No mencionado artigo, Kennan afirmava a existência uma base ideológica para o conflito a envolver os soviéticos e as democracias ocidentais. Para o diplomata, o marxismo-leninismo – matriz ideológica do regime soviético – pressupunha a inevitabilidade da luta de classes e da exploração do proletariado pela burguesia. De forma complementar, Kennan ressaltava em seu texto que o capitalismo, na perspectiva marxista, traz no seu interior o germe da sua própria destruição e que o imperialismo – fase última do capitalismo – somente seria superado por meio da ação revolucionária. Em decorrência dessa perspectiva, Kennan entendia que, do ponto de vista soviético,

não poderia haver um sincero compromisso entre a União Soviética e as democracias capitalistas ocidentais.

No entanto, alicerçado na sua compreensão da história do povo russo e da concepção marxista da história adotada pelas lideranças do Kremlin, Kennan acreditava que a estratégia da diplomacia soviética pressupunha a inevitabilidade da vitória do socialismo sobre o capitalismo como um processo de longa duração. Ao debruçar-se sobre a história do império russo, Kennan observou que, ao longo dos séculos, o envolvimento daquele povo em batalhas na defesa de planícies vulneráveis às forças militarmente superiores dos seus rivais levou os russos a serem prudentes, a adotarem posturas flexíveis e a recuarem perante adversários mais poderosos. Alicerçado nessa perspectiva, Kennan advogava a adoção, pelos EUA, de uma política externa de longa duração baseada em uma paciente, firme e vigilante *contenção* das tendências expansionistas soviéticas (KENNAN, 1969, 1999). Assim, a cada sinal de agressão ou expansão soviética os Estados Unidos deveriam responder de forma a dissuadir o inimigo, mas, sempre que possível, segundo ele, dever-se-ia evitar o conflito direto.

Kennan acreditava ainda que os EUA não poderiam, no futuro próximo, almejar a aproximação política com a URSS. Para ele, a diplomacia soviética não tinha por princípio a busca da coexistência e da paz, mas, ao contrário, adotava uma bem elaborada estratégia de persistente pressão com o intuito de desacreditar e enfraquecer o poder e a influência dos Estados Unidos em todo o mundo. Para o diplomata, na concepção soviética, a superioridade do sistema socialista levaria a uma vitória inexorável sobre o capitalismo em um futuro próximo, porém essa perspectiva não implicava a pressuposição de um conflito militar.

Em consonância com essa leitura, Kennan se distanciava de outros estrategistas estadunidenses, como, por exemplo, Dean Acheson, John Foster Dulles e Paul Nitze, ao asseverar que a principal ameaça soviética não provinha do campo militar, mas da ideologia. Para Kennan, a capacidade de ação e de sedução das organizações comunistas no interior das nações democráticas era o maior trunfo soviético. Diante disso, ele opinava que os EUA deveriam ser capazes de promover a união das principais correntes ideológicas do mundo ocidental e de comandar as democracias rumo a um futuro promissor em que as suas populações pudessem desfrutar das melhorias advindas desse progresso. Em contraste, o comunismo soviético

se tornaria, cada vez mais, estéril e quixotesco, o que esvaziaria a sua capacidade de atração. Kennan entendia que a URSS era, seguramente, a parte mais frágil no conflito. Para ele, apesar de sua rápida industrialização e desenvolvimento econômico, o regime soviético não podia atender às necessidades sociais do seu povo e essa incapacidade o levaria à ruína. De fato, Kennan operava uma espécie de inversão da teoria marxista, ao prever que contradições internas geradas no interior da sociedade soviéticas gerariam forças sociais que entrariam em choque com o regime e levariam à sua superação (KENNAN, 1999).

Kennan X Lippmann

Dentre os críticos de Kennan, merece destaque o decano do jornalismo estadunidense, Walter Lippmann, que respondeu ao artigo de Mr. X com um conjunto de textos no New York Herald Tribune, posteriormente reunidos em um livro denominado *The Cold War*. Lippmann é reconhecido como quem universalizou a expressão Guerra Fria, embora outros como Bernard Baruch e Herbert Swope a houvessem empregado com alguma possível anterioridade. Para ele, tanto a Doutrina Truman quanto a Doutrina da Contenção implicavam a intervenção nos negócios internos de outras nações (LIPPMANN, 1947; MUNHOZ, 2004).

Lippmann acreditava que essa via levaria os EUA a uma exaustão moral e política. Além disso, o renomado jornalista defendia a busca de uma convivência com os soviéticos. Receava que, se não houvesse consenso, o Exército Vermelho continuaria na Europa. Concluía que a ocupação do Velho Continente era inaceitável, tanto por tropas soviéticas quanto estadunidenses. Asseverava que não haveria independência na região enquanto não ocorresse a retirada das tropas não-européias do continente. Para ele, a posição de Kennan contribuía para a intensificação do conflito na Europa e para o acirramento das tensões entre os EUA e a União Soviética.

A reconstrução da Europa

Deve-se ainda ressaltar o papel desempenhado por Kennan no Programa de Recuperação da Europa, conhecido como Plano Marshall. O programa teve a sua

concepção e elaboração coordenada por Kennan, a pedido do Secretário George C. Marshall. Por intermédio dele, foram investidos na Europa, entre abril de 1948 e dezembro de 1951, cerca de U\$\$ 13,3 bilhões.

Ao término da II da Guerra Mundial, o caos abatia-se sobre a Europa. A Alemanha encontrava-se completamente destruída. Inglaterra e França, as outras duas nações mais industrializadas do continente, estavam com as suas estruturas produtivas seriamente abaladas e haviam passado da situação de exportadoras e credoras para importadoras e devedoras de vultosas somas. Em todo o continente, a situação social era alarmante. Havia escassez generalizada de energia, alimentos e habitações. As cidades não possuíam recursos para reconstruir a sua rede de equipamentos públicos para suprir as necessidades básicas da população e suportar a retomada da produção. As tradicionais instituições políticas européias estavam a desmoronar e em seu lugar formava-se um vácuo de poder. Para tornar a situação ainda mais grave, grande parte das elites locais havia se comprometido, de uma forma ou de outra, com as forças do Eixo ou haviam colaborado com os governos fascistas (TEIXEIRA DA SILVA, 2004). Nesse contexto, as lideranças comunistas emergiam como alternativa ao vácuo de poder então reinante.

Entre 1945 e 1947, os EUA já haviam injetado cerca de 9 bilhões de dólares na Europa, contudo não havia um plano sistêmico e os resultados alcançados eram pífios. O fracasso na recuperação da economia estimulava o pessimismo e a expansão de movimentos contestatórios. Nesse cenário, muito mais do que reconstruir a Europa, o plano tinha por missão edificar uma nova ordem econômica internacional baseada no multilateralismo e na livre circulação de capitais, criando as condições para um mundo estável em que os interesses dos EUA pudessem ser preservados e ampliados. Além disso, o plano almejava redirecionar o modelo de capitalismo autárquico, ancorado na intervenção do Estado na economia, então predominante na Europa. O plano deve ainda ser considerado como peça fundamental na edificação de uma nova ordem mundial alicerçada na universalização dos valores, das instituições e do modelo econômico estadunidense, o que pressupunha não apenas conter a potência rival, mas os próprios aliados europeus. Assim, é possível afirmar que o discurso da ameaça comunista consistia em um poderoso instrumento para viabilizar o projeto estadunidense de hegemonia global (HOGAN, 1987).

Divergências e distanciamento do governo

A despeito do fato da política externa dos EUA, durante a Guerra Fria, estar alicerçada na estratégia da contenção, desde 1949, Kennan guardou distância do núcleo estratégico do governo Truman. Seguindo a sua conduta de crítica à Doutrina Truman, Kennan manifestou oposição à criação da **Otan** (Organização do Tratado do Atlântico Norte) por entender que o pacto aumentaria as desconfianças soviéticas, poderia desencadear uma nova corrida armamentista e atrapalharia a consecução dos objetivos almejados com a Doutrina da Contenção. Kennan também criticou o aumento da presença dos Estados Unidos em substituição aos franceses no Vietnã e recriminou a postura do país durante a Guerra da Coreia. Ainda sobre esse conflito, Kennan expressou o seu receio de que o envolvimento dos EUA na região pudesse levar a China a se imiscuir no conflito, o que tenderia a expandi-lo (STEPHANSON, 1992).

A partir de 1950, as críticas de Kennan à política externa do governo Truman tornam-se cada vez mais nítidas. Em fevereiro daquele ano, ele escreveu um memorando ao secretário de Estado Dean Acheson (1893-1971), com críticas à base exclusivamente militar da política externa dos EUA. Daí por diante, é possível notar uma maior tolerância de Kennan em relação aos anseios soviéticos. Esse fato levou inclusive a que muitos historiadores revisionistas (críticos da história oficial estadunidense sobre a Guerra Fria) o referenciassem como base para as suas análises.

Nesse contexto, Kennan teve pequena influência no segundo Governo Truman, quando os opositores da Doutrina da Contenção se tornaram hegemônicos no governo. Em 1950, a adoção do NSC-68 (National Security Council) intensificou a corrida armamentista, o que mais uma vez foi condenado por Kennan. Em 1952, por um breve período, ele novamente assumiu as suas funções diplomáticas em Moscou. No entanto, acusado pelo governo soviético de interferir nos negócios do país, foi chamado de volta aos EUA. Distanciando-se da carreira diplomática, em 1953, Kennan assumiu um posto no Instituto de Estudos Avançados, em Princeton. Posteriormente, entre 1956 e 1974 lecionou na Escola de Estudos Históricos da instituição. No governo Kennedy, foi embaixador na Iugoslávia entre 1961 e 1963 (KENNAN, 1972).

Ao longo da sua vida, Kennan publicou mais de vinte livros e coletâneas, dezenas de artigos, recebeu dois prêmios Pulitzer e muitas outras honrarias. Seus textos foram pouco lidos no Brasil. Talvez a sua obra mais conhecida aqui seja *A Rússia e o Ocidente* (tradução do original *Russia and the West under Lenin and Stalin*, de 1960, publicada pela editora Forense-universitária em 1966).

Em 1985, em *Containment: then and now*, Kennan defendeu a Doutrina da Contenção, mas, ao mesmo tempo, afirmou que foi incompreendido. Nesse texto, o diplomata ressaltou que, ao defender o fim das concessões desnecessárias aos soviéticos, não pregava uma política armamentista, como, de fato, ocorreu. Talvez fosse possível afirmar que o Kennan da década de 1980 houvesse se aproximado do Lippmann crítico de Mr. X, mas isso, decerto, daria um longo debate.

Kennan viveu para assistir ao fim da Guerra Fria e à desagregação da União Soviética. Como ele havia previsto, a vitória sobre o rival não havia se dado no campo militar (embora ele possa haver sido uma peça chave no longo processo de enfrentamento durante a Guerra Fria), mas foi resultado de contradições existentes no interior do regime soviético e dos países associados à sua área de influência. Muitos dos seus críticos acreditam que a adoção da Doutrina da Contenção prolongou a vida do regime soviético, enquanto os seus defensores entendem que o abandono (mesmo que parcial) da estratégia de Kennan em favor de políticas mais agressivas, como aquelas contidas no NSC-68, deram uma sobrevida ao regime soviético e à Guerra Fria.

Com a morte de Kennan observou-se a reivindicação da sua herança política tanto no campo dos falcões quanto das pombas. Porém, é incomensurável a distância entre o pensamento de Kennan e o unilateralismo de George W. Bush, Condi Rice, Rumsfeld e outros “neo cons”. Pouco antes da sua morte, Kennan, com a sutileza e a lucidez do velho diplomata, condenou a invasão do Iraque e afirmou que o conflito seria muito mais longo e complicado do que os dirigentes do seu país acreditavam. Por fim, deve-se observar que, com certa clarividência, Kennan efetuou, já na década de 1980, severas críticas à política externa agressiva do seu país e apontou os efeitos perversos dessa política no interior da sociedade estadunidense. Naqueles anos, denunciou ainda a excessiva influência do complexo industrial militar na administração do país. Essas críticas, vindas de um conservador que foi o principal arquiteto da política externa

estadunidense do pós-Segunda Guerra Mundial, são muito elucidativas para o tempo presente.

Referências Bibliográficas

BARNET, Richard J. *A balance sheet: Lippmann, Kennan, and the Cold War*. In: HOGAN, Michael (ed) **The End of the Cold War Its Meaning and Implications, Cambridge (Mass):** Cambridge University Press, 1996, p. 113-126.

HOGAN, M. **Marshall Plan:** America, Britain and the Reconstruction of Western Europe, 1947-1952. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

HOGAN, Michael (ed) **America in the World:** the historiography of American foreign relations since 1941. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HOGAN, Michael and PATERSON, Thomas (Eds). **Explaining the History of American Foreign Relations**. New York: Cambridge University Press, 1994.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos**. O breve século XX. São Paulo Cia das Letras, 1993.

KENNAN, George F. **Memoirs**. 1925-1950. Boston: Atalantic-Little, Brown books, 1967.

KENNAN, George F. **Memoirs**. 1950-1963. London: Hutchinson of London, 1973.

KENNAN, George F. **At a Century's Ending**. Reflexions 1982-1995. New York: W.W. Norton, 1996.

KENNAN, George Frost. **A Rússia e o ocidente**. Rio de Janeiro: Forense, 1969

KENNAN, George Frost. **American Diplomacy**. Expanded edition. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

LaFEBER, **Walter**. **America, Russia and the Cold War**. 1945-1996.(first edition 1967) New York, McGraw-Hill, 1997.

LaFEBER, Walter. **The American Age**. U.S. foreign policy at home and abroad. 1750 to the present. New York: Norton , 1994.

LaFeber, Walter. **The New Empire**. An interpretation of American expansion 1860-1898. New York: Cornell University Press, 1998 (thirty-fifth anniversary edition).

LIPPMANN, Walter. **The Cold War**. New York: Harper and Brother, 1947.

MAY, Ernst (ed). **American Cold War**. Interpreting NSC 68. Boston: Bedford, 1993.

MUNHOZ, Sidnei J. *Guerra Fria: um debate interpretativo*. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. **O Século sombrio**. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2004.

REYNOLDS, David (Ed.) **The Origins of the Cold War in Europe**: international perspectives. New Haven: Yale University Press, 1994.

STEPHANSON, Anders. **Kennan and the Art of Foreign Policy**. Cambridge (Mass): Harvard University Press, 1992.

YERGIN, Daniel. **Shattered Peace**: the origins of Cold War. New York: Penguin, 1990.

WILLIAMS, W.A. **American-Russian relations**. 1781-1947. New York: Rinehart, 1952; **The Tragedy of American Diplomacy**. New York: Norton, 1988

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. **O século sombrio**. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2004.